

# A imagem do texto

Gabriella Gonçalves

**Orientadora: Profa. Joana Barossi (Escola da Cidade).**

**Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, Escola da Cidade, 2017.**

Talvez minha maior virtude tenha sido nascer míope. A paisagem do míope é como um grande borrão, mancha disforme em que as cores dos objetos vistos ultrapassam as fronteiras dos seus próprios contornos: entram na borda da borda do outro e formam então, juntos, uma paleta de poças de aquarela. E o mais bonito não é isso, e sim a ideia de que aquilo que está a dez metros de mim se mistura nesse momento à pessoa que chega segurando seus livros a 50 metros de distância. Parecem estudos ainda não prontos de pinturas ligadas à escola veneziana de Giorgione e Ticiano, que privilegiam a cor em detrimento da linha.

A noção de profundidade é anulada. Tudo se apresenta em um único plano. É como se os olhos estivessem em lágrimas: vemos uma única coisa, o borrão. E é como se percebêssemos o espaçamento do tempo, ou melhor, deixássemos de percebê-lo. É como se as pausas fossem tiradas. O vazio entre a rampa a dez metros e a mulher com seus livros a 50 metros se encurtou. Não existe o eixo "z". A pausa acaba. É como se vissemos um fluxo de consciência. É o "como" que faz as vezes do próprio objeto, estando e não estando ali. Isso porque é "muita coisa junta em um único plano". Muita não, infinitas.

## The image of the text

Perhaps my greatest virtue was to be born nearsighted. The landscape of the myopic is like a great blur, a misshapen stain in which the colors of the spotted objects seem to go beyond the borders of their own contours: they enter the border of each other's border, and together form a palette of watercolor pools. The most beautiful observation is nonetheless the idea that what is ten meters from me is mixed, at that moment, to the person who arrives holding his books 50 meters away. They can be mistaken by unfinished studies of paintings from the Venetian School of Giorgione and Titian, which favors color at the expense of the line. The notion of depth is nullified. Everything presents itself in a single plane. It is as if the eyes were in tears: we see a single thing, the blur; as if we perceived the spacing of time, or rather, failed to perceive it. It's as if the breaks are taken. The emptiness between the ten-foot ramp and the woman with her books at 50 meters shortened. There is no "z" axis. The pause is over. It is as if we see a stream of consciousness. It is "how" that makes the object itself, being and not being there. This is because "a lot of things come together in one plan". Not many, endless.

## La imagen del texto

Tal vez mi mayor virtud haya sido nacer miope. El paisaje del míope es como un gran borrón, mancha disforme en que los colores de los objetos vistos exceden las fronteras de sus propios contornos: entran en el borde del borde del otro y forman, juntos, una paleta de charcos de acuarela. Y lo más bonito no es eso, sino la idea de aquello que está a diez metros de mí se mezcla, en ese momento, a la persona que llega sosteniendo sus libros a 50 metros de distancia. Parecen estudios, todavía no listos, de pinturas relacionadas a la escuela veneciana de Giorgione y Ticiano, que privilegian el color en detrimento de la línea. Se anula la noción de profundidad. Todo se presenta en un único plano. Es como si los ojos estuvieran en lágrimas: vemos una sola cosa: el borrón. Y es como si percibiéramos el espaciamento del tiempo, o mejor dicho, dejáramos de percibirlo. Es como si las pausas fueran quitadas. El vacío entre la rampa a diez metros y la mujer con sus libros a 50 metros se ha acortado. No existe el eje "z". La pausa se acaba. Es como si viéramos un flujo de conciencia. Es el "cómo" que hace las veces del propio objeto, estando y no estando allí. Eso porque son "muchas cosas juntas en un único plano". Muchas no, infinitas.

## ***13 variationen eines themas***

**b**

**d**

**mw  
un**

**a**

**i**

***baum = árvore  
wind = vento***

## Me interesse pela parte *unreadable* do texto. É nessa brecha que a arquitetura existe.

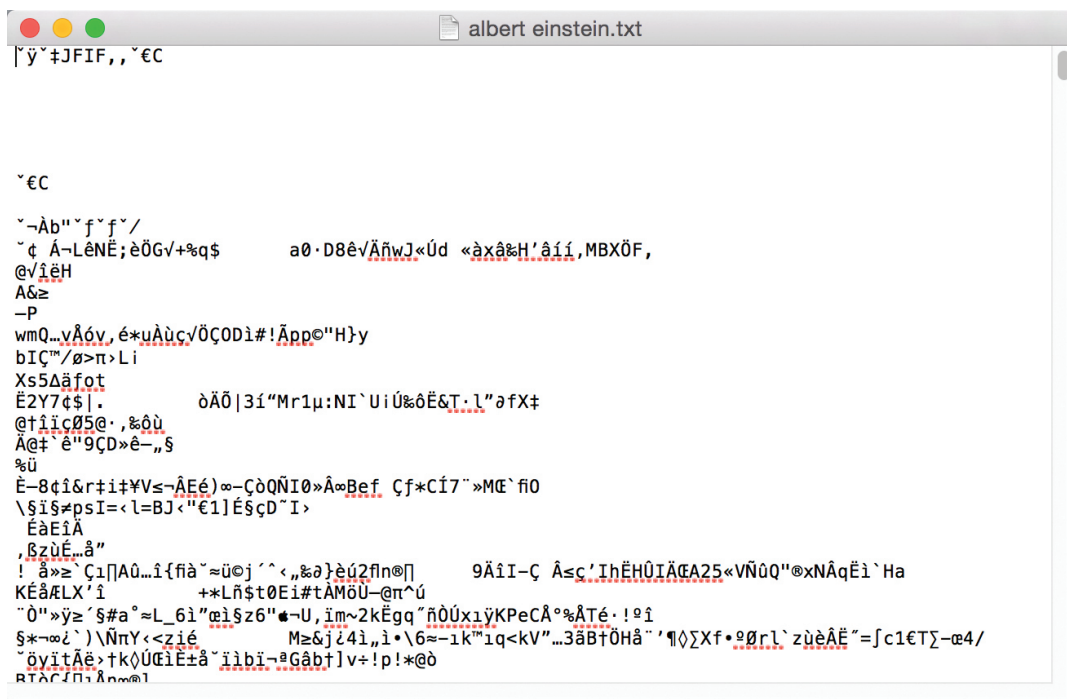
O artista mexicano Alejandro Magallanes defende que uma imagem jamais valerá por mil palavras, "porque mil palavras combinadas podem criar mais ou menos seis milhões de imagens". Isso se evidencia no poema *13 Variationen eines temas*, do poeta suíço-boliviano Eugen Gomringer. Nele, vemos treze poemas diferentes feitos a partir de uma mesma matriz: quatro letras se espaçam do centro de maneira similar, podendo fazer diversas combinações com as sílabas que permanecem centrais. Pode-se formar em diferentes direções as palavras *baum* [árvore] e *wind* [vento]. A ordem escolhida pelo leitor nesse caso determina a imagem.

Este evidentemente é apenas um exemplo pragmático do que Magallanes afirma. Porém, o que nos interessa é o seguinte: que o jogo espacial que o poema possui é determinante para que "mais outras seis milhões de imagens surjam". O jogo espacial faz com que se criem mais campos de significação. Existe um arranjo dado a este jogo para que ganhe mais camadas. A palavra *wind* [vento] pode sugerir "um milhão de ventos". A imagem de um vento é um único vento, ou ainda, uma única imagem.

Que *13 Variationen eines temas* seja ou não um grande poema está, por enquanto, fora de nossas preocupações, embora seja inegável seu papel exemplar, isto é, entendido como um feliz casamento entre a regra/ teoria que estamos discutindo e o caso propriamente dito, o próprio poema

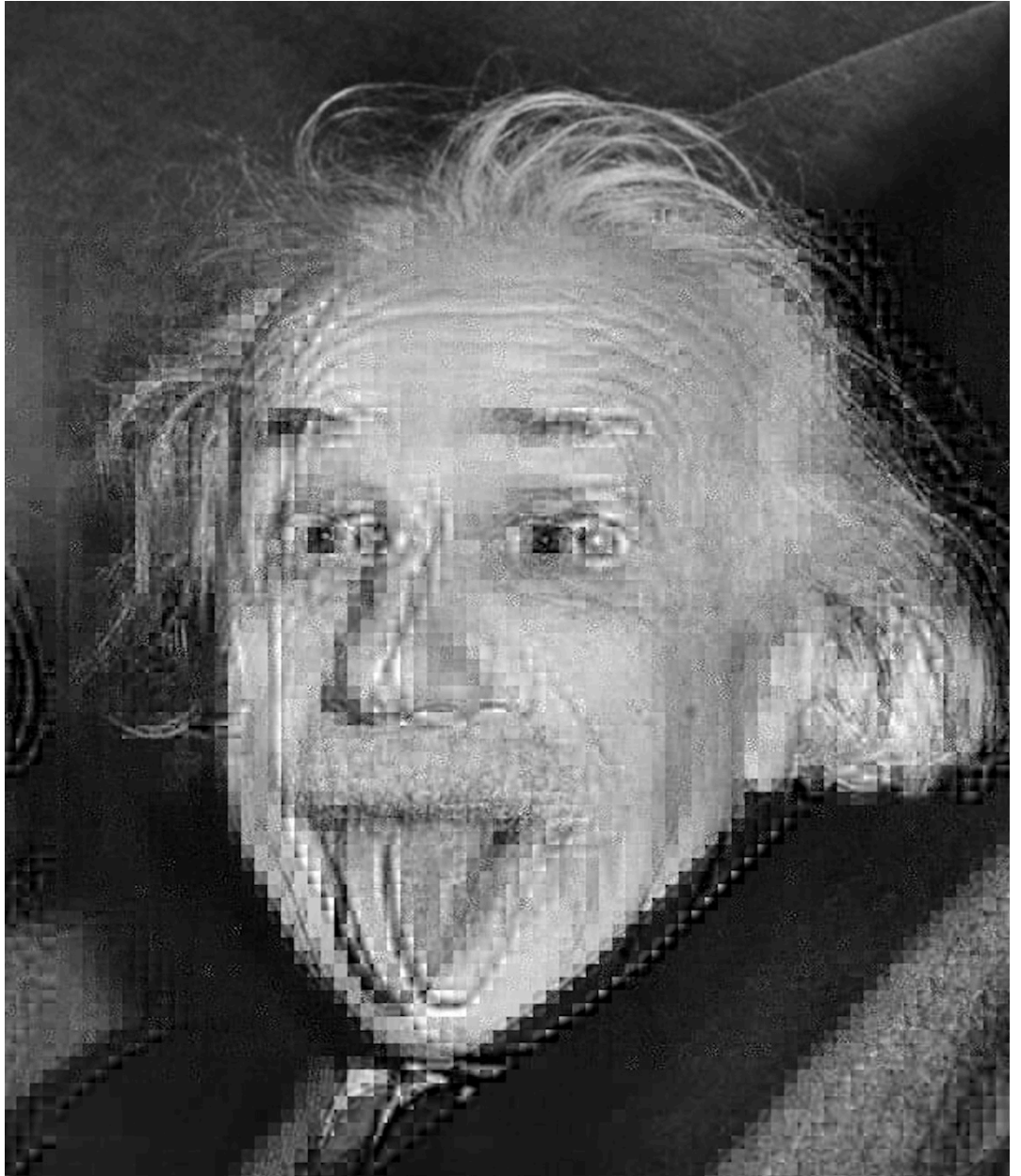
(e lembrando que tais regras, por não pairarem no vácuo, só vivem nos próprios poemas e imagens analisados). Passemos ao poema "Mandala", de Pedro Xisto. Neste temos juntos espaço e texto em uma única imagem. O texto salta da página, colocando em confronto o visível versus o espacial. Talvez o poema tátil seja o que se oferece, num primeiro momento, como a mais imediata junção de poema + questões arquitetônicas, uma ocasião para que interpretação textual e espaço estejam imediatamente juntos.

Voltando a Magallanes, autor da frase que define o principal caminho do projeto, nos perguntamos: partindo do princípio de que texto é imagem, quais são os eixos que fazem com que uma narrativa possa ser imagem? Acredito que, ao se torcer o conceito de cada eixo linguístico e colocá-lo no nosso universo de apreensão [a arquitetura], é possível ver uma *cosa mentale*. Ou melhor, várias *cose mentali*. Foram então escolhidos cinco eixos da língua para serem entremeados na paisagem [a *pontuação*, o fluxo de consciência, a sintaxe e a parataxe, a sintaxe e a semântica da palavra, e a falta do texto]. Se a parataxe é a falta de conjunção coordenativa em um texto, afirmo que é possível vê-la como *cosa mentale* na paisagem urbana. Ler um texto e idear uma conjunção coordenativa, bem como também a falta dela. O que se pretende fazer é alargar o sentido de cada eixo linguístico escolhido.



Se alterarmos o texto dentro do editor da imagem JPEG, produzimos uma nova imagem. Atrás de toda imagem existe uma linguagem.









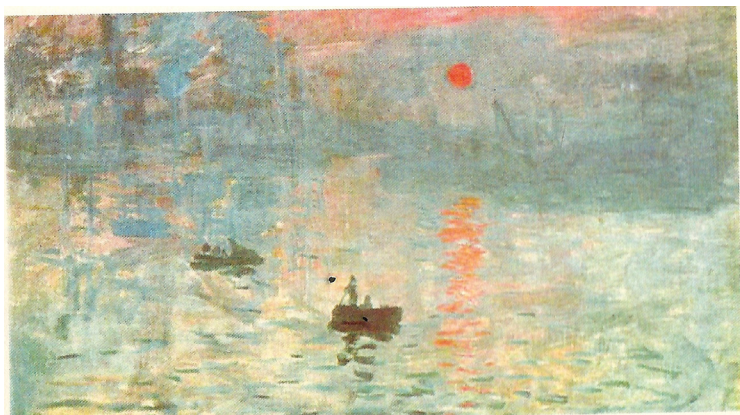


## A pontuação

...como em Graciliano Ramos.

Talvez minha maior virtude tenha sido nascer míope. A paisagem do míope é como um grande borrão, mancha disforme em que as cores dos objetos vistos ultrapassam as fronteiras dos seus próprios contornos: entram na borda da borda do outro e formam então, juntos, uma paleta de poças de aquarela. E o mais bonito não é isso, e sim, a ideia de que aquilo que está a dez metros de mim se mistura, nesse momento, à pessoa que chega segurando seus livros a 50 metros de distância. Parecem estudos, ainda não prontos, de pinturas ligadas à escola veneziana de Giorgione e Ticiano, que privilegiam a cor em detrimento da linha.

A noção de profundidade é anulada. Tudo se apresenta em um único plano. É como se os olhos estivessem em lágrimas: vemos uma única coisa, o borrão. E é como se percebêssemos o espaçamento do tempo, ou melhor, deixássemos de percebê-lo. É como se as pausas fossem tiradas. O vazio entre a rampa a dez metros e a mulher com seus livros a 50 metros se encurtou. Não existe o eixo "z". A pausa acaba. É como se víssemos um fluxo de consciência. É o "como" que faz as vezes do próprio objeto, estando e não estando ali. Isso porque é "muita coisa junta em um único plano". Muita não, infinitas. No texto fluido de Ulisses de Joyce, o fluxo de consciência das suas trinta últimas páginas (o monólogo da personagem Molly Bloom) é como um borrão de aquarela: as marcas do vazio foram retiradas. A pontuação, que regula, dá ritmo, hierarquia, mas sobretudo profundidade – no sentido espacial, de atmosfera, de lugar – desaparece de cena. Estar sem óculos é como estar sem pontuação, é ser privada dos intervalos, daquilo que me faz ser um corpo no espaço.



---

## CRÉDITO DAS IMAGENS

*13 variationen eines thema* (GOMRINGER, 1988). Imagem modificada pela autora.

Albert Einstein, fotógrafo Alfred Eisenstaedt. Imagem modificada pela autora.

Retina do olho [sem vírgula]. Biblioteca de Imagens de Células. Disponível em: <[www.cellimagelibrary.org/home](http://www.cellimagelibrary.org/home)>. Imagem modificada pela autora.

*Impression, soleil levant*, Claude Monet, 1872. Disponível em: <[www.theartpostblog.com/en/things-to-know-about-claude-monet/](http://www.theartpostblog.com/en/things-to-know-about-claude-monet/)>. Imagem modificada pela autora.

---

## REFERÊNCIAS

XISTO, Pedro. Mandala 1. In: **Caminho**. Rio de Janeiro: Berlendis & Vertecchia Editores, 1979.

GOMRINGER, Eugen. *13 variationen eines themas*. In: **31 poemas**. trad. Percy Garnier e Philadelpho Menezes. São Paulo: Editora Arte Pau-Brasil, 1988.

MAGALLANES, Alejandro. História da arte em 100 desenhos. **Revista Serrote**, n 26.

---

## SOBRE A AUTORA

Arquiteta e urbanista graduada pela Escola da Cidade, em 2017.

[gabriellagoncalles@gmail.com](mailto:gabriellagoncalles@gmail.com)